

PRIMEIRO CAPÍTULO

Xu Sanguan trabalhava como distribuidor de casulos na fábrica de seda da cidade. Naquele dia regressou à aldeia para visitar o avô, que ao envelhecer tinha ficado com a visão muito fraca. Não reconhecendo quem estava à sua porta, o avô pediu-lhe que se aproximasse e, depois de o observar por alguns momentos, disse:

“Meu filho, onde está a tua cara?”

Xu Sanguan respondeu: “Avô, não sou o teu filho, sou o teu neto. A minha cara está aqui...”

Xu Sanguan pegou na mão do avô e levou-a à sua cara, largando-a depois rapidamente. A palma da mão do avô lembrava o papel de areia da fábrica.

O avô perguntou: “Porque é que o teu pai não veio visitar-me?”

“O meu pai já há muito que morreu.”

O avô acenou com a cabeça. Do canto da sua boca escorreu uma linha de saliva. Inclinou a cabeça e sorveu duas vezes, fazendo com que parte do cuspo voltasse para dentro, e perguntou:

“Meu filho, o teu corpo está forte?”

“Sim”, disse Xu Sanguan, “avô, eu não sou o teu filho...”

O avô continuou: “Meu filho, tu também costumavas vender sangue?”

Xu Sanguan abanou a cabeça: “Não, eu nunca vendi sangue.”

“Meu filho”, disse o avô, “não vendes sangue, mas dizes que o teu corpo está forte? Meu filho, estás a aldrabar-me.”

“Avô, o que dizes? Não percebo avô, estás mal da cabeça?”

O avô levantou a cabeça. Xu Sanguan disse:

“Avô, não sou o teu filho, sou o teu neto.”

“Meu filho”, disse o avô, “o teu pai não me dava ouvidos, só queria saber daquela rapariga da cidade, aquela Hua não sei quê...”

“Jin Hua, a minha mãe.”

“O teu pai veio um dia falar comigo. Disse que já tinha chegado a idade e queria ir para a cidade para casar com essa tal Hua. Eu disse-lhe que os seus dois irmãos mais velhos ainda não estavam casados e, aqui na nossa terra, não temos o costume de deixar casar o mais novo quando o mais velho ainda não trouxe uma mulher para casa...”

Sentado no telhado da casa do seu tio, Xu Sanguan contemplava a paisagem em seu redor. Erguendo-se desde as terras lamacentas ao longe, o céu irradiava um carmesim cada vez mais forte, fazendo brilhar os campos ao fundo e tornando os cultivos vermelhos como tomates. Também os ribeiros e os caminhos que atravessavam aquelas terras, assim como as árvores, as barracas de palha, os charcos e até mesmo o fumo que subia enviesado dos telhados, tudo brilhava em tons de vermelho-vivo.

O quarto tio de Xu Sanguan estava no campo de melões a espalhar estrume quando duas mulheres se aproximaram. Uma era mais velha e a outra era ainda jovem. O tio de Xu Sanguan disse:

“A Gui Hua está cada vez mais parecida com a mãe.”

A mulher jovem sorriu, enquanto a mais velha viu Xu Sanguan no telhado e perguntou:

“Está alguém em cima do teu telhado, quem é?”

O tio de Xu Sanguan respondeu: “É o filho do meu terceiro irmão mais velho.”

Os três lá em baixo levantaram a cabeça para olhar para Xu Sanguan, que sorriu e lançou o olhar na direção daquela jovem chamada Gui Hua. Ao cruzar o olhar com ele, a rapariga baixou a cabeça. A mulher mais velha disse:

“É igual ao pai.”

O tio perguntou: “No mês que vem a Gui Hua vai casar, não é?”

A mulher mais velha abanou a cabeça: “Ela não vai casar no mês que vem, anulámos o noivado.”

“Anularam o noivado?” O tio pousou a enxada.

A mulher mais velha disse em voz baixa: “Aquele rapaz tem o corpo muito fraco. Numa refeição não come mais do que uma tigela de arroz, até a nossa Gui Hua consegue comer duas...”

Baixando também a voz, o tio de Xu Sanguan perguntou: “Como é que ele tem o corpo assim tão fraco?”

“Não sei como aconteceu...”, disse a mulher mais velha, “primeiro ouvi dizer que há quase um ano que não vai ao hospital vender sangue, o que me despertou logo a atenção. Pensei logo se estaria ou não de boa saúde. Então, arranjei maneira de o convidar para comer em nossa casa, para ver quanto conseguia comer. Se comesse duas tigelas já ficava descansada. Se comesse três a Gui Hua seria dele... Quando terminou a primeira tigela fui para lhe servir mais, mas ele disse que estava cheio e já não conseguia comer... Um homem robusto que não consegue comer com certeza não está com saúde...”

Ouvindo isto, o tio levantou a cabeça e disse à mulher mais velha: “Essa tua atenção de mãe!”

A mulher mais velha respondeu: “Uma mãe tem sempre atenção.”

As duas mulheres olharam para Xu Sanguan em cima do telhado. Ele continuava a sorrir para a mais jovem e a mais velha repetiu: “É igual ao pai.”

Em seguida, as duas mulheres foram-se embora, uma à frente e a outra atrás. Ambas tinham rabos bastante grandes e, olhando lá de cima, Xu Sanguan pensou que era difícil perceber onde aqueles rabos acabavam e as coxas começavam. Depois de irem embora, Xu Sanguan olhou para o quarto tio, que continuava a espalhar estrume no campo de melões. O céu começava a escurecer, e o corpo do seu tio também enegrecia. Perguntou:

“Quarto tio, ainda vais continuar por muito tempo?”

O tio respondeu: “Está quase.”

Xu Sanguan disse: “Tio, há uma coisa que não compreendo e que te queria perguntar.”

O tio disse: “Diz lá.”

“É verdade que as pessoas que não vendem sangue ficam com os corpos fracos?”

“Sim”, disse o tio, “ouviste o que acabou de dizer a mãe da Gui Hua? Nesta terra, os homens que não vendem sangue não arranjam mulher para casar...”

“Isso é algum costume daqui?”

“Se é costume? Não sei. Os homens com corpo forte vão todos vender sangue, e de cada vez que se vende ganha-se trinta e cinco *kuai*¹. São precisos seis meses a trabalhar na terra para ganhar esse dinheiro. O sangue do corpo é como a água de um poço. Se não tiras água, o poço não acumula mais, mas, se tiras todos os dias, a água que está no poço vai ser sempre a mesma.”

“Quarto tio, então o que estás a dizer é que o sangue do nosso corpo é como uma árvore de dinheiro?”

“Primeiro tem de se ver se o corpo está forte ou não. Se uma pessoa não está com saúde, vender sangue é como vender a vida. Quando vendes sangue, fazem antes análises no hospital. Tiram um tubo de sangue e fazem uns testes para ver se o corpo está forte ou não. Só se estiveres com saúde é que podes vender...”

“Tio, com este corpo posso vender sangue?”

O tio de Xu Sanguan olhou para o sobrinho em cima do telhado. De tronco nu, o filho do seu terceiro irmão mais velho sorria sentado lá em cima e não era pouca a carne que se via nos seus braços. Respondeu:

“Com esse corpo podes vender.”

Xu Sanguan ria às gargalhadas. Depois, como que se lembrando de qualquer coisa, olhou para baixo e perguntou:

“Quarto tio, tenho outra pergunta para te fazer.”

“O que é?”

“Disseste que no hospital começam por te tirar um tubo de sangue para fazer uns testes, não é?”

“Sim.”

“Eles pagam por esse tubo?”

“Não”, respondeu o tio, “esse tubo dá de borla.”

Três homens caminhavam em linha pela estrada. O mais velho já tinha mais de trinta anos e o mais novo apenas dezanove. A idade de Xu Sanguan, que caminhava entre os outros dois, encontrava-se igualmente pelo meio. Xu Sanguan perguntou-lhes:

“Vocês carregam melancias e trazem tigelas no bolso. Depois de vender sangue ainda vão para a rua vender melancias? Uma, duas, três, quatro... Só trazem seis melancias, porque não trazem uns cem

ou duzentos *jin*²? E essas tigelas são para quê? São para os clientes deixarem o dinheiro? E porque é que não trazem comida? O que vão comer ao almoço?”

“Quando vendemos sangue nunca trazemos comida”, disse Gen Long, o de dezanove anos. “Depois de vender sangue vamos ao restaurante comer uma travessa de fígado de porco frito e beber dois *liang*³ de licor de arroz...”

O homem mais velho, chamado Ah Fang, disse:

“O fígado de porco alimenta o sangue e o licor de arroz dá-lhe vitalidade.”

Xu Sanguan perguntou: “Vocês dizem que, de cada vez, podem vender-se quatrocentos mililitros de sangue, mas quanto é que são quatrocentos mililitros de sangue?”

Ah Fang retirou a tigela que trazia no bolso: “Estás a ver esta tigela?”

“Sim.”

“De cada vez podes vender duas tigelas destas.”

“Duas tigelas?” Xu Sanguan inspirou. “Dizem que por cada tigela de arroz que comemos produzem-se apenas umas gotas de sangue. Quanto arroz é que temos de comer para encher de sangue duas tigelas dessas?”

Ouvindo a pergunta, Ah Fang e Gen Long soltaram umas risadas. Ah Fang disse:

“Comer apenas arroz não serve de nada. Tens de comer fígado de porco frito e beber licor de arroz.”

“Xu Sanguan”, disse Gen Long, “estavas a dizer que trouxemos poucas melancias, certo? Pois, hoje não vamos vender melancias. Estas são para oferecer.”

Ah Fang continuou: “São para oferecer ao chefe do sangue Li.”

“Quem é o chefe do sangue Li?”, perguntou Xu Sanguan.

Chegaram a uma ponte de madeira. Sob a ponte corria um ribeiro, que mais para a frente alargava e depois voltava a estreitar. De dentro da água emergiam algumas ervas que, seguindo o leito do ribeiro, trepavam para a margem. Ah Fang parou e disse:

“Gen Long, temos de beber água.”

Gen Long pousou a vara onde carregava as melancias e gritou:

“Vamos beber água!”